

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A TOPOGRAFIA SOCIAL DO ENTRE-DOURO-E-MINHO NOS FINS DO SÉCULO XIX E A SUA INFLUÊNCIA NA REGIONALIZAÇÃO TEÓRICA DOS PROGRAMAS DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA.

PIMENTA, José Ramiro

Ano: 2007-2008-2009 | Número: 117-118-119

Como citar este documento:

PIMENTA, José Ramiro, A topografia social do Entre-Douro-e-Minho nos fins do século XIX e a sua influência na regionalização teórica dos programas de investigação arqueológica. *Revista de Guimarães*, 117-118-119 Jan.-Dez. 2007-2008-2009, p. 31-45.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A topografia social do Entre-Douro-e-Minho nos fins do século XIX e a sua influência na regionalização teórica dos programas de investigação arqueológica

José Ramiro Pimenta¹

Conferência: 'Congresso Comemorativo do Centenário da Morte de Alberto Sampaio'. Guimarães, Centro Cultural de Vila Flor | Famalicão, Centro de Estudos Camilianos. 27 Novembro 2008

Resumo

Este estudo pretende inserir-se no domínio do 'spatial turn' que tem vindo a firmar-se de um modo genérico nas Ciências humanas, e especificamente na História da Ciência e do Conhecimento, neste caso aplicado à evolução do Pensamento arqueológico. O seu objectivo é tomar em consideração não apenas a época em que um determinado saber se desenvolve mas também os lugares e territorialidades que a ele estão associados, nomeadamente o modo como a 'topografia social' (a rede histórico-geográfica dos autores e instituições que submetem e caucionam um determinado programa de pesquisa) se relaciona com o 'passado do lugar' (expressão geográfica de uma materialidade tecnicamente confiscada), a 'regionalização teórica' (esquemas abstractos regionais deduzidos daquela mesma materialidade), e o 'lugar do Passado' (função cultural, social, económica, ideológica que uma determinada interpretação do Passado ocupa e cumpre na estrutura social mais vasta a que pertence). Debruçar-se-á especificamente sobre a topografia social do programa de investigação arqueológica e histórica localizada no Entre-Douro-e-Minho nos finais do século XIX.

Introdução: a 'geo-historiografia'

Pode parecer estranho (e sei que o é para muitos) ver um geógrafo a tratar

¹Sócio da Sociedade Martins Sarmento
Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Investigador do 'Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória' (CITCEM)

de temas de história de Arqueologia; porém, todos os espaços de convivência teórica entre as várias disciplinas que estudam o social são hoje bem-vindas e participam amplamente das várias inflexões a que a teoria social foi sendo submetida nas últimas décadas; uma geografia da Arqueologia pode fazer-se - e eu tenho a intenção de fazê-la - no domínio especial da geografia histórica e cultural da evolução do Pensamento arqueológico: porque, se esta evolução tem uma história, seguramente deverá ter também uma geografia.

O breve estudo que irei apresentar em seguida, desenvolver-se-á ao redor de alguns pontos específicos: i) desde logo, a um nível mais teórico, a apresentação de algumas características do que deve ser uma geografia-história do Conhecimento, especialmente do Pensamento arqueológico; ii) em segundo lugar, a aplicação de um programa assim teoricamente definido a uma situação histórica e geograficamente situada: uma tradição de investigação a que se poderia chamar 'programa de Guimarães', centrada na figura de Martins Sarmiento e da qual participou amplamente Alberto Sampaio; iii) a identificação 'exemplar' (e uso este termo no sentido de concreção de um programa de investigação) do modo como este programa de investigação operava concretamente no terreno da recolha, arquivamento e interpretação de antiguidades; iv) finalmente, tentando justificar a minha presença num congresso sobre Alberto Sampaio, procuraremos identificar a posição especial que naquele programa de investigação assim definido cumpre a geo-historiografia deste autor, não tanto na relação com uma eventual verdade histórica factual, mas com a topografia social que interiormente organiza esse mesmo programa. No fim, regressaremos de novo ao problema conceptual de que se parte, e que é afinal o da necessidade de uma dimensão geográfica nos estudos de História da Ciência e do Conhecimento e da sua especial aplicabilidade ao domínio do Pensamento arqueológico e histórico.

Passemos, pois, a precisar o que se entende por 'geo-historiografia'; o uso deste neologismo, em substituição do comum 'historiografia', alerta, desde logo, para a intenção de complementar uma 'história' do conhecimento histórico que privilegia a identificação de um *Zeitgeist* com uma 'geografia' que privilegia um eventual *genius loci* na elaboração desse mesmo conhecimento histórico. Deste modo, a pergunta que gostaríamos de ver respondida, e para cuja resposta esperamos poder contribuir, em parte, seria: 'Tem alguma importância o lugar em que é produzido um determinado tipo de

conhecimento? Tem a localização específica de uma pesquisa científica alguma influência na condução de um programa de pesquisa? E, mais importante ainda, tem alguma influência no seu conteúdo? Do meu ponto de vista, a resposta a estas questões é afirmativa' (D. N. Livingstone).

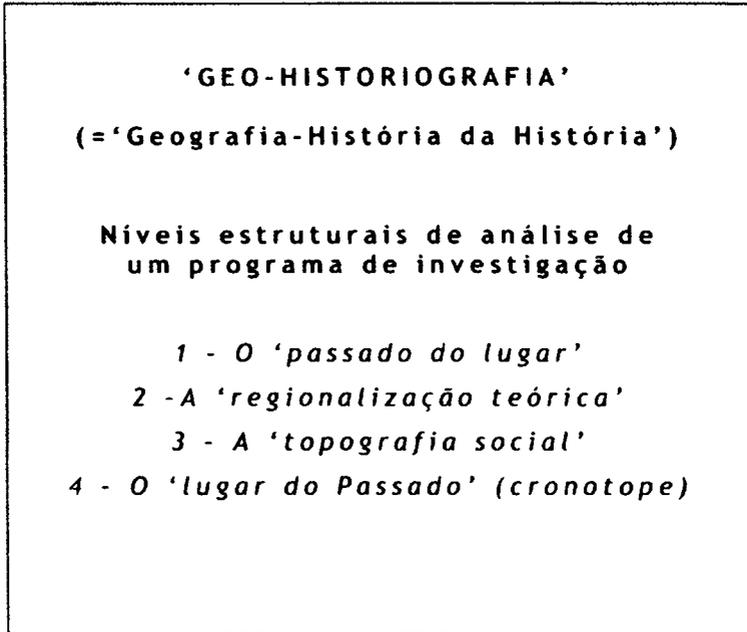
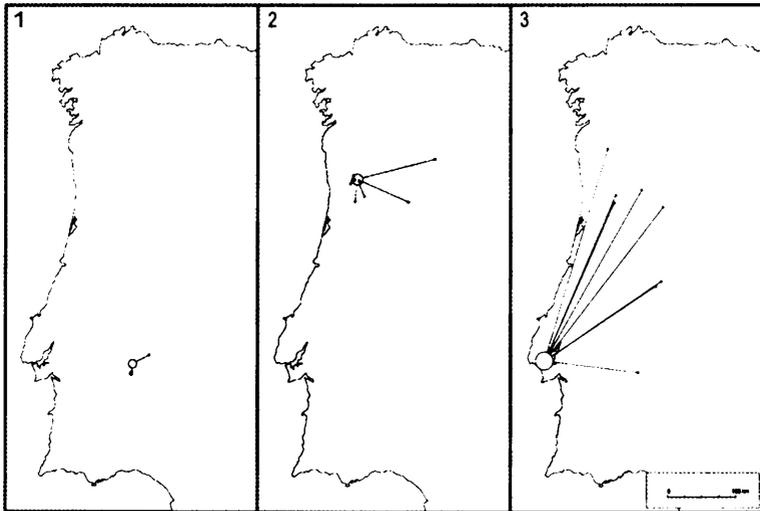


Figura 1 - 'Geo-historiografia' - níveis estruturais.

Assim definida, uma 'geo-historiografia', isto é, uma 'geografia-história da História', deverá tomar em consideração vários níveis estruturais de análise dos programas de investigação histórica ou arqueológica: i) por um lado, o 'passado do lugar', no qual se deve explicitar a ordem empírica de constituição dos factos relativos ao passado de uma região; ii) a 'regionalização teórica', que permite revelar a ordenação regional da teoria de acordo com os pontos de apoio empíricos apresentados no ponto anterior; iii) a 'topografia social', em que se dá conta da estruturação mútua dos lugares de relações sociais e científicas na condução do programa de investigação; iv) e, finalmente, o 'lugar do Passado', ou 'cronotope', que permite concluir do papel que uma determinada visão do passado cumpre na psicologia de pesquisa do investigador e da época e lugar a que pertence.

Como se depreende do título desta conferência, o exemplar de trabalho que especificamente iremos descrever mais à frente, diz respeito ao ponto iii) deste elenco, a ‘topografia social’, a partir da qual tentaremos caracterizar os restantes níveis do ‘programa de investigação de Guimarães’.

Antes, contudo, gostaria de ilustrar, com exemplos concretos, o modo como uma dimensão ‘geográfica’ pode ser significativa na história dos programas de investigação científica, e especialmente nos domínios da História e da Arqueologia.



*Figura 2 - Musealização das epígrafes dedicadas a divindades indígenas:
 1) Igrejas da Boa-Nova (Terena) e do Convento dos Agostinhos (Vila Viçosa);
 2) Museu da Sociedade Martins Sarmiento;
 3) Museu Etnológico Português. (Segundo a Parte II das Religiões da Lusitânia de J. L. de Vasconcelos)*

Os mapas da figura fazem referência a três momentos histórico-geográficos distintos da relação conceptual com o Passado e os seus vestígios; os três mapas representam, respectivamente, o lugar de origem e musealização das epígrafes com nomes de divindades indígenas, que estão associadas aos programas de pesquisa arqueológica de Teodósio, duque de Bragança (Vila Viçosa-Terena, s. XVI), Francisco Martins Sarmiento (Guimarães-c. 1880) e José Leite de Vasconcelos (Lisboa, Belém-c. 1910).

Com facilidade se reconhece que o âmbito territorial destes três

programas de recolha de materiais do passado é bem diverso, não só na extensão da recolha como da localização da musealização. A questão que se pode e deve levantar é, porém, a recíproca: será que esta ordem histórica e geográfica da recolha e musealização das epígrafes se articula intimamente com a interpretação do seu significado histórico? Perguntando de outra forma - será que a 'geografia da pesquisa' interfere com a 'narrativa da História'?

Este tema já foi por nós tratado em outros estudos, o que justifica que não o desenvolvamos de novo neste momento; em todo o caso, queremos crer que a diversa interpretação que é feita nos três momentos-lugares sobre o que são os 'Lusitanos' e o que é a 'Lusitânia' permite responder afirmativamente à questão formulámos.

Ao longo da Renascença, é impossível não ver uma interpretação da 'Lusitânia' e dos 'Lusitanos' como uma narrativa 'genealógica', a mesma que fará de Ulisses o fundador de Lisboa, ou Túbal da sua congénere do Sado - um ponto-de-vista da História 'dos Grandes', na qual, como na topografia social que a anima, a personagem se confunde com a dignidade pública que incorpora.

O Museu de Guimarães, no qual vemos a prefiguração plena do programa de investigação cuja topografia social iremos tratar mais à frente, refere-se já a uma 'Lusitânia' diversa, a uma região tecida de nacionalismo e de 'raça', fundo geográfico e étnico de afirmação da própria nacionalidade medieval emergente; a este ponto voltaremos mais tarde neste estudo, pois aqui reside também o enorme alcance da obra de Alberto Sampaio.

Finalmente, ao Museu de Belém corresponde a visão 'republicana' de Leite de Vasconcelos, a 'Lusitânia' como estado, organizado e centralizado, uma 'composição política' que sustenta a ordem de uma justaposição de regiões afinal bem diferentes entre si - a Gallaecia, as mesopotâmias de Entre-Douro-e-Tejo e de Entre-Tejo-e-Guadiana, o Cyneticum...

Passemos então a uma caracterização mais próxima daquilo a que chamei de 'programa de investigação de Guimarães'.

O 'programa de Guimarães'

Replicando a ordem conceptual de uma 'geo-historiografia' atrás apresentada,

vejamos quais os principais atributos dos níveis estruturais diferenciados: 'passado do lugar', 'regionalização teórica', 'topografia social' e 'lugar do Passado', que, neste caso, veremos corresponder respectivamente a outras tantas expressões geo-historiográficas concretas: 'castros', 'Lusitanos', 'solares' e 'Portugueses'.

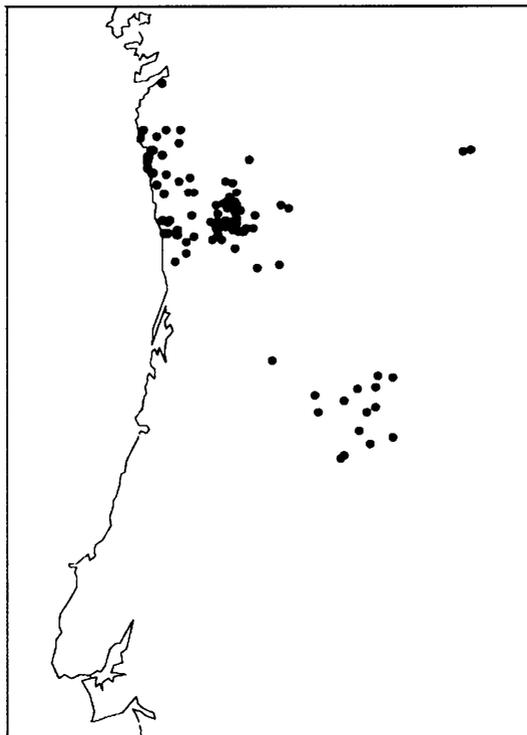


Figura 3 - O 'passado do lugar': Os 'castros' de Martins Sarmento

O mapa da figura indica os 'castros' que foram explorados, reconhecidos ou simplesmente visitados por Martins Sarmento no decurso das suas investigações sobre 'as raízes' do povo português. Eles são os pontos de contacto mais fortes do programa de investigação que vimos descrevendo com a materialidade empírica do passado do lugar; sobretudo dos materiais recolhidos em dois deles, escavados profundamente - Briteiros e Sabroso -, recolherá o investigador vimaranense o essencial da prova empírica da sua interpretação dualista do passado romano e pré-romano do território que viria a ser Portugal.

Este mapa possui ainda a particularidade de ser especialmente expressivo da relação que a ‘topografia social’ mantém com os restantes níveis de caracterização de uma geo-historiografia de um programa de investigação, pois deixa adivinhar nas três regiões que desenha - a Beira, o litoral e a área de influência de Guimarães - as diversas esferas de convivência social do autor: a mais cosmopolita, junto da Sociedade de Geografia de Lisboa, a de lazer, junto do litoral a que se dirigia ‘a banhos’ durante o verão, e a ‘doméstica’, ao redor da sua própria cidade e que percorria, não raro solitariamente, em busca de materiais para o seu museu.

Como antes afirmámos, a uma ordem empírica de fixação ao lugar de um ‘passado’ corresponde necessariamente uma ‘regionalização teórica’ da sua interpretação. Noutro lugar se descreveu o essencial da concepção que profundamente estrutura a visão que Martins Sarmiento detém da ordem narrativa do passado e da sua expressão histórico-geográfica no mapa da Europa: um fundo dotado da pureza ancestral da genealogia trazida das invasões da Ásia, que é implacavelmente desalojado pela barbárie ‘nórdica’, que o autor apelida de ‘céltica’, despojando na maior parte do continente as regiões do passado ilustre da arianidade - como únicas exceções, e significativas, que resistem a esta aluvião apenas a Grécia, Roma e a ‘Lusitânia’! Saltando por cima do nível de análise geo-historiográfico da ‘topografia social’, que reservamos para dedicar mais atenção um pouco mais à frente, pode considerar-se a hipótese de a narrativa conceptual do passado apresentada por Martins Sarmiento cumprir um papel específico na organização ideológica do presente a que pertence, como forma de legitimação de um tempo e de um lugar, que são, afinal, os do investigador e também de uma série de estudiosos que com ele os partilham.

Queremos crer que se pode dar conta da possibilidade de uma genealogia regional na obra de Martins Sarmiento, de um sentido de lugar que eventualmente estrutura o programa de investigação centrado em Guimarães e na primitiva Sociedade que detém o nome do seu patrono. Podemos aperceber-nos de uma espécie de invariância na apresentação da narrativa histórica proposta por Martins Sarmiento, configurando uma identidade estruturalmente opositiva mas narrativamente ‘continuista’ da identidade política e cultural do Noroeste peninsular e, especialmente, do Entre-Douro-e-Minho. Quase é desnecessário dizer (essa é mesmo uma apresentação recorrente entre os seus biógrafos) que será justamente na articulação entre estes dois momentos da narrativa

histórica que os trabalhos de Alberto Sampaio ganham um enorme significado.

A 'visita ao Marco de Canaveses': uma ilustração de topografia social

Chegamos agora ao momento, porventura aquele a que mais especificamente nos queríamos referir no contexto deste estudo, e aquele que justamente lhe dá o título: qual a 'topografia social' que anima este programa de investigação centrado em Guimarães na transição do século dezanove para o século vinte, e de que modo ele se relaciona quer com a regionalização teórica que interpreta o passado, quer com a sua utilização ideológica no presente social e cultural dos seus investigadores?

Com esse intuito, iremos proceder a uma 'escavação literária' de um exemplar de investigação de Martins Sarmento - a visita ao Marco de Canaveses -, de modo a podermos compreender as diversas linhas de fractura e inter-reconhecimento social que agilizam o programa de recolha de materiais arqueológicos e possibilitam que Guimarães se torne um 'centro de investigação' privilegiado sobre as 'raízes do povo português'.

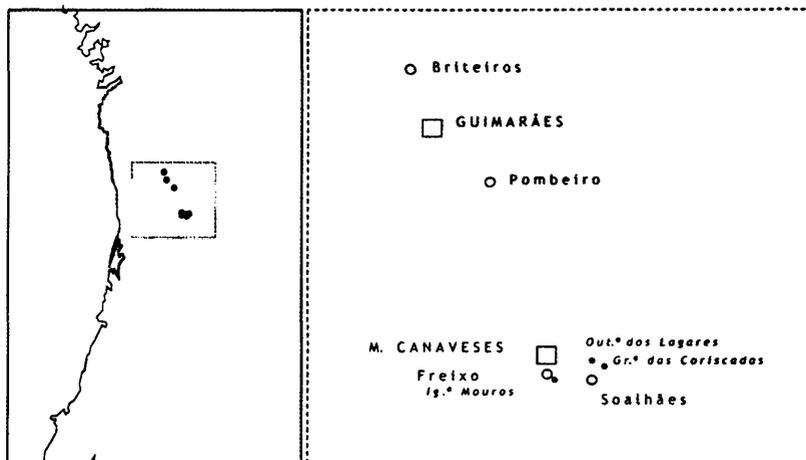


Figura 4 - A topografia da viagem de Martins Sarmento ao Marco de Canaveses

Este é o fundo de mapa em que se desenrola o episódio sobre o qual nos vamos debruçar. Alguns lugares são convocados, no contexto de proximidade do Entre-Douro-e-Minho, mas não têm todos, como veremos, a mesma importância geo-historigráfica, nem, sobretudo, e para este estudo tal é o mais importante, a mesma função na 'topografia social' do programa de investigação com que se relaciona.

Como veremos, estes lugares são mais do que simples pontos num fundo de mapa, são os centros e periferias de convocação de pessoas, materiais e ideias que estruturam profundamente as relações sociais e epistemológicas do programa de investigação; e, num certo sentido, são uma rotina que veremos inúmeras vezes repetida em outras localizações do mapa completo da geo-historiografia do programa de Guimarães.

A morfologia da convocação é muito simples, e da sua simplicidade, como se verá, depende a sua especial eficiência na recolha de informações sobre tradições e materiais antigos. Guimarães, Briteiros, Pombeiro, Marco de Canaveses, Freixo, Soalhães, Igreja dos Mouros, Outeiro dos Lagares e Grutas das Coriscadas são mais do que um simples elencamento de topónimos ou localidades - são a rede organizada que estrutura e torna operativa, ao longo de linhas de uma topografia social perfeitamente definida, a eficiência do centro de investigação que os coordena; mas vejamos circunstanciadamente o modo como a estratégia de 'acumulação do passado' se organiza.

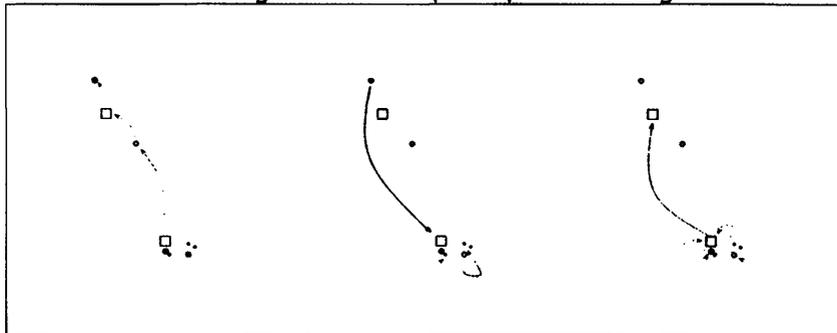


Figura 5 - A visita de Martins Sarmento ao Marco de Canaveses (respectivamente, da esquerda para a direita, 'fluxo da informação', 'excursão', 'recolha de antiguidades').

A primeira instância de que nos podemos dar conta na organização do 'centro de organização' de Guimarães é o modo como a informação se lhe torna disponível. Neste caso, um médico natural de Pombeiro, em exercício no Marco de Canaveses, informa alguém que informa Martins Sarmento da existência de 'interessantes antiguidades' na área do Marco de Canaveses. A informação que o próprio Martins Sarmento disponibiliza a este respeito é esclarecedora: uma vez na sua posse, o investigador não mais deixará de a perseguir com uma tenacidade que é verdadeiramente proverbial.

Cedo ou tarde, o movimento centrípeto 'etéreo' do fluxo da informação é

complementado por um outro bem mais concreto e de direcção oposta - a excursão do investigador aos lugares referidos. Se a 'topografia social' das profissões 'liberais' (em que os médicos e funcionários de serviços do estado são importantes exemplos) é fundamental para se compreender a mobilidade de informação, veremos que são de outra natureza os elementos que se dispõem no terreno no momento concreto de recolha dos materiais arqueológicos e tradições populares.

Martins Sarmento desloca-se de Briteiros-Guimarães até à vila do Marco de Canaveses, tendo previamente avisado pelo telégrafo a hora da sua chegada; à sua espera, um 'amigo de um amigo', um 'parente de um parente' recebe-o e hospeda-o em sua casa, eventualmente uma 'casa solarenga' de um proprietário abastado, e que passará a ser a base de onde partirá para as pesquisas mais minuciosas no terreno. Dela se dirigirá a cada um dos lugares a visitar, e em cada um deles será acompanhado de um 'notável local' (em termos genéricos, os párcos são elementos fundamentais a esta escala da 'topografia social'), até que assim guiado encontra finalmente os destinatários últimos da sua empresa, os humildes representantes dos habitantes rurais, que detêm a informação das tradições orais dos lugares e conservam em suas casas as antiguidades de que o investigador adivinha a importância arqueológica.

A geografia concreta da expedição resulta numa outra, que não é menos concreta, de recolha e transporte dos materiais para o lugar-centro de onde tudo partiu. Por meios diversos, desde o simples pedido à retribuição de dinheiro - mas nos quais se presente a importância da presença impositiva da desigualdade social -, o representante do lugar-centro deste programa de investigação sistematicamente recolhe, organiza e transporta para casa todos os materiais que pode; e assim, as caveiras das Coriscadas, a pedra do *Genio-ongobricensium*, pontas de flecha, machados de pedra, tudo se enfileira ordeiramente num movimento de não retorno no sentido da ordem arquivista do museu que as espera em Guimarães. A esta mobilidade geográfica dos materiais corresponde naturalmente uma modalidade de relações tecida no contexto da topografia social que a estrutura. Os materiais e a informação das tradições orais vão-se movimentando numa rede de relações sociais hierarquizada, com origem nos humildes representantes dos 'Lusitanos' que a uns os conservam em casa, por superstição, por receio, ou apenas por gosto, e a outras ouvem narrar dos mais velhos para os mais novos.

Assim as caveiras das Coriscadas, a pedra do *Genio-ongobricensium*, os

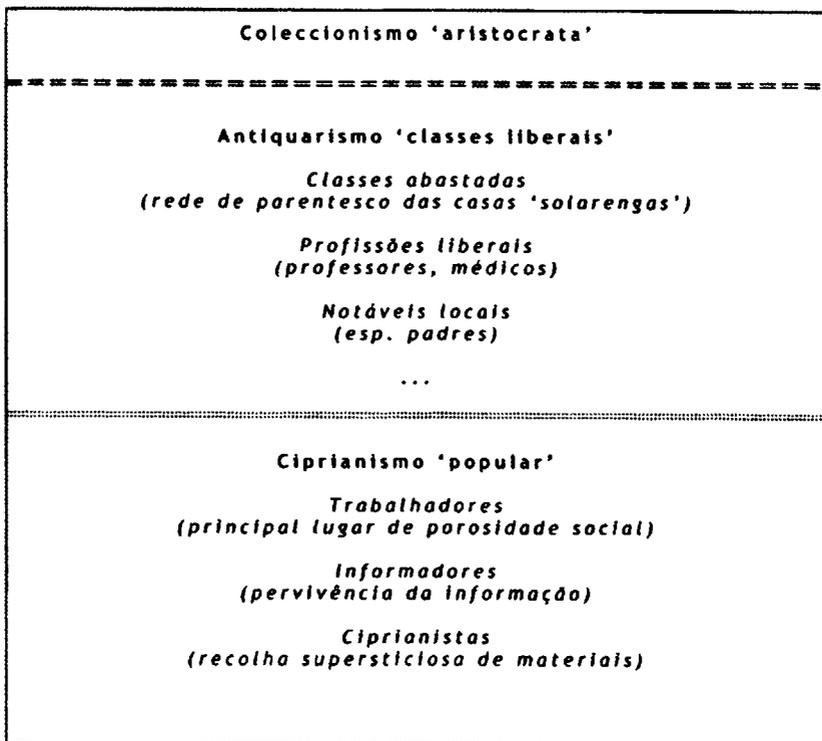


Figura 6 - A estrutura social de recolha de antiguidades.

machados de pedra, todas estas peças são recolhidas pelos notáveis locais, algumas delas acumulando-se ainda, a uma escala mais distante da sua origem, nas residências dos 'parentes dos parentes', dos 'amigos dos amigos', onde repousam em segurança até que o lugar-centro as venha reclamar. Esta é a hipótese central deste estudo, e a razão principal de centrar na 'topografia social' o motor sociológico do programa de investigação a que pertence. Como já dissemos, e esperamos demonstrar num estudo de maior profundidade, este programa que se antevê na visita ao Marco de Canaveses é uma rotina que cremos se verá repetida em diversas áreas a que chegou a influência do 'programa de pesquisa de Guimarães'. Os nomes que vemos explicitados nesta visita são representantes de tipos sociais que estruturam a relação de uma certa burguesia antiquarista e liberal com os restos do passado a partir dos quais pensam poder resgatar as 'raízes do povo português'. Nesta topografia convivem diversas personagens sociais, mas nem todas possuem a

mesma capacidade de intervenção, o mesmo poder aquisitivo de uma parcela do Passado. Na base, uma massa quase sempre anónima de ‘ciprianistas’, ‘informadores’ e ‘trabalhadores’, que são o verdadeiro alfobre de informações e materiais; a porosidade social entre esta classe ‘popular’ e aquela que de algum modo se lhe sobrepõe, é mantida sobretudo por alguns notáveis locais, que conquistam de algum modo a sua confiança, e em que os párocos assumem uma importância inigualável. O pároco é um dos elementos de uma classe instruída em cujo travejamento concorrem também os elementos das profissões liberais, médicos, militares, funcionários públicos, saídas de um século progressivo ainda recente. A organizar localmente toda esta ‘topografia social’, as casas ‘solarengas’, os ‘parentes de parentes’, os ‘amigos dos amigos’, gente que a agricultura torna abastada, e cuja posição lhes dá o lugar insubstituível de interlocutores privilegiados com o representante do lugar-centro do programa de pesquisa.

Alberto Sampaio e Martins Sarmiento

Feita a caracterização da topografia social da ‘visita ao Marco de Canaveses’, e deduzida uma hipótese de generalização do motor sociológico do programa de pesquisa de Guimarães, devo agora fazer referência ao modo como Alberto Sampaio poderá incluir-se nesta interpretação geo-histórica, e assim justificar também a minha presença no congresso que celebra o centenário deste autor.

Esta inclusão será feita a dois níveis: i) por um lado, pela posição do autor no que se refere ao problema do ermamento do Noroeste da Península Ibérica; ii) por outro lado, e em íntima relação com o primeiro, a questão do momento concreto da expressão de um sentimento de nacionalidade portuguesa. No fim, o objectivo será afinal o de tentar discernir a relação cronotópica da sua narrativa histórica com a geografia que a anima ou, o que é o mesmo, qual o ‘lugar da terra’ nos estudos históricos de Alberto Sampaio.

Já antes fizemos referência que um dos pressupostos centrais da teoria etnogénica do ‘programa de investigação de Guimarães’ passava por poder demonstrar a continuidade ininterrupta do povoamento do Noroeste de Portugal deste tempos remotos.

A parte pré-histórica deste programa foi levada a cabo por Martins Sarmiento em diversas publicações, desde os ‘Gregos do Noroeste da Ibéria’, de 1876, até

'A arte micénica' que coincide já com a data da sua morte. Contudo, para que tal genealogia pudesse chegar intacta aos tempos da nacionalidade, tornava-se necessário que uma fase especialmente obscura desta narrativa fosse de algum modo clareada - especificamente o período alto-medieval, que se estendia deste o fim do Império romano até aos primeiros momentos da Reconquista.

É neste contexto que tomam especial significado as posições científicas tomadas por Alberto Sampaio; com a recusa do eramento garante a continuidade do povoamento que as teses extremistas punham perigosamente em questão; com a tese da eclosão antiga do sentimento de nacionalidade, remete a identidade do Noroeste e, por extensão, de Portugal, para a organização da posse da terra portugalense, mais do que para os ímpetus guerreiros de um príncipe meio francês.



Figura 7 - A 'topografia social' de recolha de antiguidades ('mapa-conceito').

É justamente a este nível que considero que pode ser dotado de algum poder heurístico o modelo de topografia social que antes se caracterizou. A figura que se apresenta, de composição abstracta, pretende contemplar a possibilidade de a 'topografia social' detectada na 'visita ao Marco de Canaveses' poder ser replicada por todo o Entre-Douro-e-Minho.

Trata-se, portanto, de uma rede de 'parentesco' que se fixa no terreno através das 'casas solarengas' ou de proprietários abastados (à escala do Noroeste, estas podem considerar-se grandes propriedades) e que dispõem, no espaço, o modo de organização da terra que mais profundamente articula as relações sociais.

Esta 'burguesia agrária', a que os irmãos Sampaio decerto pertencem, detém, além do mais, uma evocação de antiguidade; algumas famílias podem genuinamente demonstrar a sua ininterrupta continuidade desde a Reconquista; com Alberto Sampaio, a terratenência poderá recuar um pouco mais, e articular-se intimamente com a organização da terra saída directamente da queda do Império romano.

Não é minha intenção, nem o poderia ou saberia fazer, reduzir a profunda investigação histórica de Alberto Sampaio a uma replicação automática da sua 'posição' histórica e geográfica na 'topografia social' do seu tempo. Mas creio que não é impossível detectar uma dimensão 'historiográfica' da sua investigação que se articula intimamente com o que chamo de 'programa de investigação de Guimarães': somos muito tentadoramente levados a ver na sua genealogia 'villa romana'-'paróquia medieval'-'estrutura social-geográfica coeva' uma sugestão de enlaçamento do tempo histórico com o pré-histórico estudado por Martins Sarmiento, o elo perdido com que um discípulo diligente não quer deixar de homenagear o Mestre já ausente.

Coda: de novo a 'geo-historiografia'

Gostaria de terminar como comecei - indagando da necessidade de uma história da Ciência e do Conhecimento, e especialmente do Pensamento arqueológico e histórico que tome em consideração igualmente a dimensão geográfica dos programas de investigação. Cremos que em qualquer área do conhecimento esta é uma dimensão importante; no caso da historiografia parece-nos incontornável. Mais do que em qualquer outra expressão da filosofia do Conhecimento, no caso da Arqueologia e da História, convém saber quem 'possui a terra' para que se compreenda como se 'narra o Passado'.

Um duque latifundiário do século dezasseis em Vila Viçosa; uma rede de famílias terratenentes abastadas dos finais do século dezanove no Entre-Douro-e-Minho liberal; uma instituição governamental dos inícios do século vinte republicano; todas estabelecem relações diferenciais com a terra e com as gentes que nelas habitam... e por essa mesma circunstância, que lhes vem à vez da história e da geografia de

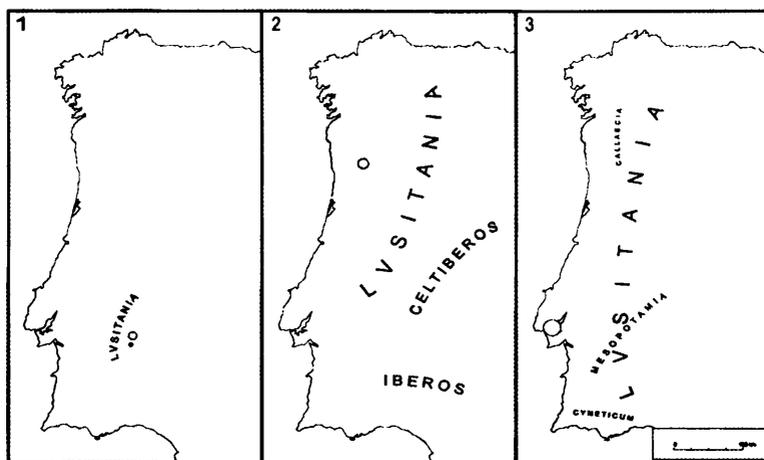


Figura 8 - A evolução do 'sentido de lugar' e a geo-historiografia do programa de investigação da Lusitânia proto-histórica: 1) s. XVI; 2) c. 1880; 3) c. 1910. O mapa 2 diz directamente respeito à regionalização teórica associada ao 'Programa de Guimarães'.

que participam, produzem visões do Passado que são também elas regionalmente diversas, porque têm origens em topografias sociais distintas e servem, voluntária ou involuntariamente, ideologias e visões-do-mundo em parte incomensuráveis.

Agora, uma vez efectuada a viagem epistemológica que se propôs talvez estes mapas já nos surjam de uma outra maneira e expressem de que modo um programa de investigação arqueológica é sempre uma convocação geográfica de lugares com sentidos e fundamentos diversificados. E desejo que seja, acima de tudo, uma ilustração suficientemente capaz de demonstrar que o encontro transdisciplinar fecundo entre a Arqueologia e a Geografia tem lugar na investigação historiográfica e de que a história da Ciência e do Conhecimento - e assim também do Pensamento arqueológico - fica fatalmente incompleta sem a sua correspondente geografia.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Sociedade Martins Sarmento, e especialmente ao Doutor Sande Lemos, o convite para ter estado presente no congresso que comemora o centenário de Alberto Sampaio. Igualmente desejaria associar-me aos restantes elementos que intervieram na sessão sobre Arqueologia, esperando poder ter contribuído para uma discussão estimulante sobre a importância e actualidade dos estudos de historiografia científica.